

VOO LIVRE: PR3TICAS AVENTUREIRAS E CONDUTAS DE RISCO POR ENTRE AS MONTANHAS DE MINAS

Recebido em: 23/10/2010

Aceito em: 30/05/2011

Jairo Ant3nio da Paix3o

Universidade de Tr3s-os-Montes e Alto D'ouro
Tr3s-os-Montes e Alto Douro – Portugal

RESUMO: O presente estudo analisou as condutas de risco de praticantes de v3o livre em Minas Gerais. A amostra foi constituída de 109 (cento e nove) praticantes das modalidades de parapente e asa delta, com m3dia de idade de 30 (trinta) anos; considerou-se o desvio-padr3o com signific3ncia < 0,05%. O m3todo de estudo utilizado foi o descritivo-explorat3rio. A coleta de dados foi feita a partir de um question3rio, validado segundo a t3cnica Delphi. Os resultados mostraram que o risco vivenciado por esses aventureiros do ar 3 a forma mais genuína do risco-aventura provido do sentido l3dico. A pr3tica de aventura no ar se configura para esses indivídus como uma atitude na qual prevalece a confian3a no domínio da t3cnica e na qualidade dos equipamentos, se comparado com outros procedimentos e recomendações que visam 3 seguran3a no momento de pr3tica das referidas modalidades de esporte de aventura.

PALAVRAS-CHAVE: Comportamento. Fatores de Risco. Estilo de vida.

FREE FLIGHT: ADVENTURE PRACTICE AND CONDUCT OF RISK THROUGH THE MOUNTAINS OF MINAS

ABSTRACT: This study analyzes the conduct of risk of practitioners of free flight in Minas Gerais. The sample consisted of 109 (hundred and nine) practitioners of paragliding and hang gliding, with the age middle was 30 (thirty) years old and the arithmetic absolute media considered by researches was < 0.05%. We use the method of descriptive-exploratory study. Data collection took place from a questionnaire, validated according to the Delphi technique. The results express that the risk perceived by those air adventurers is the most genuine form of risk-adventure. The practice of adventure in the air is set for these individuals, as an attitude which prevails the confidence in the technique and quality of equipment when compared with other procedures and recommendations to safety in time to practice these procedures for adventure sport.

KEYWORDS: Behavior. Risk Factors. Life Style.

INTRODUÇ3O

O esporte configura-se como um dos acontecimentos mais emocionantes da contemporaneidade. A abrang3ncia do movimento esportivo se evidencia n3o somente na forma como a sociedade se organiza, mas, assevera as contradiç3es existentes em seu interior. Dentre a multiplicidade de elementos que delineiam o fen3meno do esporte destaca-se um permanente processo de evoluç3o, surgindo ininterruptamente significados e re-significados para a sua pr3tica ao longo dos tempos. Nesse contexto, destacam-se os estudos empreendidos por Betr3n e Betr3n (1995) ao afirmar que, a partir da transiç3o paradigm3tica da modernidade para a p3s-modernidade, surgem novas pr3ticas corporais, entre elas, as modalidades de esporte radicais. Trata-se de uma vertente que elegeu os diferentes ambientes naturais como *l3cus* privilegiado para a sua manifestaç3o, cujo eixo norteador 3 o risco da aventura. Assim, a pr3tica das modalidades de esportes radicais manifesta-se impulsionada pelo desejo de experimentarmos algo novo, algo singular, espec3fico, perpassado por emoç3es prazerosas, utilizando da tecnologia para o campo da recreaç3o e do lazer.

A adoç3o dessas atividades como forma de lazer, associado as viv3ncias de momentos de fortes excitaç3es emocionais se deve, em grande parte, 3 confianç3a no material utilizado, em outras palavras, 3 confianç3a na tecnologia empregada no fabrico dos materiais pertinentes a cada uma das modalidades de esporte de aventura em quest3o. Agrupadas a tudo isso, encontram-se a ousad3a e compet3ncia t3cnica do praticante que representam, juntamente com os demais componentes mencionados, condiç3o essencial para que a aventura possa se manifestar nos momentos em que ele vivencia uma modalidade de esporte de aventura e risco calculado na natureza.

Aliados 3s fortes sensa33es, vertigem e possibilidades de testar os pr3prios limites, encontram-se, na pr3tica do esporte de aventura, riscos de diferentes propor33es, como quedas, colis3es, escoria33es, fraturas, afogamentos, congelamentos, mal-estar, entre outros. A realidade mostra que em alguns casos apenas a utiliza33o de equipamentos sofisticados n3o 3 suficiente para impedir um s3rio acidente.

No caso do v3o livre, esporte que lida com riscos, segundo Abdalad (2001), 3 preciso que o praticante domine todas as t3cnicas de v3o, al3m das informa33es meteorol3gicas. Ele dever3 perceber e calcular atenciosamente cada possibilidade de risco para que o programa de v3o seja realizado com tranquilidade e lhe proporcione prazer. Ainda assim, observam-se alguns casos de acidentes, em que o piloto - por imprud3ncia, distra33o ou falta de controle - machuca-se ou at3 mesmo perde a vida.

Ainda que inexista uma estimativa precisa e sua respectiva divulga33o pelas associa33es, federa33es e confedera33es sobre acidentes envolvendo praticantes desta, bem como demais modalidades de esporte de aventura no Brasil, nota-se, pelas suas especificidades, que o parapente e a asa delta colocam o piloto em situa33o de alto risco, pois, uma vez no ambiente a3reo, ele se encontra totalmente vulner3vel 3s imprevisibilidades naturais. As varia33es das condi33es ambientais, como mudan3as bruscas de temperatura, ventos, tempestades, entre outras, exigem do praticante de voo livre uma produ33o de pensamento complexo, que conduzir3 suas a33es para controlar os riscos e, assim, efetivar o plano de v3o previamente estabelecido.

Diante da ousadia humana de voar como os p3ssaros, de desafiar o ambiente a3reo, confiantes em suas habilidades e nos recursos tecnol3gicos, o presente estudo analisou as condutas dos praticantes perante situa33es de risco impostas pela pr3tica de v3o livre, nas modalidades de parapente e asa delta, no estado de Minas Gerais.

O voo livre

Dentre os relatos a respeito de homens que, atrav3s do voo, tentaram libertar-se das amarras terrenas, o mais antigo faz parte de uma lenda da mitologia grega. Tal lenda destaca que o arquiteto D3dalo e seu filho 3caro, utilizando cera, penas de p3ssaros e magia, construíram asas para fugir de um intransponível labirinto localizado em Creta. A fuga foi espetacular. Todavia, desrespeitando as regras determinadas por seu pai, 3caro se aproximou do sol e perdeu suas asas – uma atitude imprudente que lhe custou a vida. Sentindo-se culpado pelo ocorrido, D3dalo amaldiçoou seu ambicioso projeto e o sonho de voar foi precocemente abandonado (POUZADOUX, 2001).

A pr3tica do v3o livre, aliada aos avanços tecnol3gicos, pode ser realizada com diferentes objetivos e de diversas formas. Dependendo do n3vel t3cnico, o praticante pode utilizar asa delta ou parapente desenvolvidos para propiciar alta, m3dia ou baixa *performance*. A maneira como ele realizar3 o v3o estar3 diretamente ligada ao n3vel de experi3ncia, 3 habilidade e ao tipo de equipamento utilizado que, nesse caso, dever3 estar sempre em sintonia com o objetivo desejado (AZEVEDO, 2009). Independentemente do n3vel de habilidade do praticante dessas modalidades, o risco lhe 3 elemento integrador.

N3o se pode deixar de mencionar a influ3ncia dos avanços tecnol3gicos para a pr3tica do v3o livre. Equipamentos eletr3nicos, antes utilizados com objetivos militares ou profissionais, passaram a fazer parte do ambiente esportivo, como 3 o caso do Sistema de Posicionamento Global, mais conhecido como GPS. O uso adequado deste equipamento permite que o piloto se localize geograficamente em qualquer lugar do globo terrestre, atrav3s de informaç3es via sat3lites. Assim, a tecnologia adquire contornos de suma import3ncia na pr3tica de esportes de aventura, cujos desafios

oferecidos por lugares in3spitos como desertos, geleiras, sert3es, montanhas, mares e ares podem ser enfrentados com maior margem de seguran7a.

Destaca-se que, embora o emprego adequado dos diferentes equipamentos e das t3cnicas do parapente e asa delta por esses aventureiros seja de extrema relev3ncia para o gerenciamento do risco, este risco, que at3 ent3o fora calculado, pode se tornar um perigo eminente se importantes vari3veis como o n3vel de habilidade do praticante e as normas de seguran7a forem ignoradas. Refor7am-se, assim, as condutas do risco.

O risco e a aventura

Indistintamente do tipo de cultura a que perten7am os diferentes grupamentos humanos na contemporaneidade, nota-se que o risco adquire a conota73o de condi73o inerente 3 pr3pria vida. O risco aparece nas sociedades como um dado antropol3gico que atravessa todos os registros da condi73o humana, da responsabilidade para com os outros 3 preserva73o f3sica e moral de si mesmo. As comunidades buscam de forma ritual3stica afugentar os medos e as amea7as em potencial por meio de preces, cerim3nias coletivas e outras formas de evoca73es aos seres supremos. Essas precau73es lembram ao homem sua condi73o de vulnerabilidade aos acontecimentos e a necessidade de refugiar-se das amea7as (LE BRETON, 2000; 2004). O entendimento do risco por um determinado grupamento social depender3, sobretudo, do sentido que lhe 3 atribu3do (BECK, 1993).

Na busca dos significados atribu3dos ao risco, Spink (2001) e Spink et al(2002) desenvolveram um estudo em que, a partir de tr3s dicion3rios espec3ficos, agruparam o risco em tr3s categorias: risco-perigo, risco-probabilidade e risco-aventura, como se pode observar na TAB. 1.

TABELA 1
Significados atribuídos ao risco

Risco-perigo	Risco-probabilidade	Risco-aventura
Ameaça	Risco	Aventura
Perda	Aposta	Adrenalina
Sorte	Chance	Emoção
Perigo (perigoso)	Seguro (segurança)	Radical
Azar	Probabilidade	Extremo
Fortuna (do)	Prevenir (prevenção)	Desafio
Fatalidade	Arriscar (arriscado)	Ousadia
Obstáculo		
Ventura		
Destino		

Fonte: Spink (2001) e Spink et al. (2002).

O lugar ocupado pelo risco na vida do homem em sociedade, como apresentado nos estudos de Giddens (1991), Beck (1993), Bernstein (1997), Le Breton (2000; 2004, 2006), é significativamente importante para se compreender aspectos relacionados ao esporte de aventura como prática corporal. Ao relatar a história do risco, Bernstein (1997) mostra que até a época do Renascimento, quando as condições de vida eram atreladas à natureza, o futuro era percebido como uma questão de sorte ou resultado de variações aleatórias do ambiente.

Com o advento científico e os avanços tecnológicos já no final do século XIX e início do XX, o homem se coloca diante de novos riscos. Para Ashcroft (2001), na maioria das vezes, esses novos riscos são vivenciados em práticas físicas na natureza e, em alguns casos, dependendo do tipo de ocupação profissional, constituem parte inevitável do trabalho. Mary Spink (2001) apresenta, em seu estudo, a existência de uma velha conexão entre risco e aventura valorizada pela ousadia, que pode levar o indivíduo a inúmeras descobertas. Essa conexão encontra-se presente nas diferentes modalidades que atualmente compõem o esporte de aventura na natureza. Os referidos autores afirmam, ainda, que o risco-aventura surge na década de 1970 com a modalidade de esporte de aventura denominada *off-the-road*, em provas como o *Rali Paris-Dakar* em 1979 e o *Camel Trophy* na década de 1980, em diferentes países.

O risco-aventura 3 geralmente empregado para enfatizar um deslocamento importante dos sentidos modernos do risco, que recuperam a aventura como dimens3o positiva no trato com os riscos. Essas pr3ticas corporais na natureza podem ser realizadas dentro ou fora de esquemas comerciais de aventura na perspectiva do lazer ou competi33o. No entanto, ser3 risco-aventura se o praticante encontrar-se envolvido em desafios consider3veis e/ou extremos 3s suas habilidades em ambientes imprevis3veis, como ar, 3gua, floresta, desertos, entre outros, que podem gerar consequ4ncias pessoais graves, como a morte, no caso de falha e/ou erro, como ocorre no v3o livre, no p3ra-quedismo, na escalada, no surfe e em muitas outras atividades realizadas na natureza (SPINK, 2001; SPINK; MENEGON, 2004).

Embora necess3rios os procedimentos que visam 3 integridade f3sica dos praticantes das modalidades de esporte de aventura, n3o se pode perder de vista que a possibilidade do controle total dos riscos eliminaria a atratividade e as fortes emo33es buscadas pelos praticantes (MORGAN; FLUKER, 2006; PAGE; BENTLEY; WALKER, 2003; RYAN, 2003; BENTLEY; WILKS; EDWARDS, 2006).

Apesar de seu car3ter imprevis3vel, o risco pode revelar-se um elemento positivo e agregador. No caso do v3o livre, s3o encontrados atores de diferentes segmentos sociais que, guiados por suas escolhas e afinidades, v3o formar comunidades onde encontrar3o a possibilidade de partilhar, de forma l3dica, momentos repletos de prazer, emo33es, incertezas e, em alguns casos, ang3stias. Como em qualquer pr3tica esportiva de risco-aventura, a possibilidade de acidentes 3 uma realidade entre os praticantes de v3o livre. Tanto no v3o de asa-delta quanto no de parapente, h3 possibilidades de colis3es 3reas ou pousos malsucedidos, gerando consequ4ncias imprevis3veis, tais como quedas, fraturas 3sseas de propor33es s3rias, danos irrepar3veis

ao equipamento e at3 mesmo mortes. Apesar dessas indesej3veis possibilidades, ainda assim o risco parece ser um dos principais aspectos da coes3o que se processa entre os indiv3duos que praticam esse tipo de atividade (AZEVEDO, 2009).

MATERIAL E M3TODOS

O presente trabalho caracterizou-se como um estudo descritivo-explorat3rio (DRAKE; MILLER, 1969; MALHOTRA, 2000; MATTOS; ROSSETO JR; BLECHER, 2004) que tem como caracter3sticas observar, registrar, analisar, descrever, correlacionar fatos ou fen3menos sem manipul3-los, procurando descobrir com precis3o a frequ3ncia com que o fen3meno ocorre e sua rela3o com outros fatores. No processo de constru3o e valida3o do instrumento de coleta de dados (question3rio), foi empregada a t3cnica Delphi. Trata-se de uma t3cnica projetiva de levantamento que utiliza uma s3rie de question3rios de forma que um grupo de especialistas (professores doutores, com experi3ncia na 3rea) alcance um consenso, sobre o assunto, por meio de julgamentos, sobre os itens apresentados (DUFFIELD, 1993; THOMAS; NELSON, 2002). O n3mero de fases empregadas na valida3o do question3rio pode variar de duas a cinco, at3 que cada quest3o receba acima de dois ter3os de repostas afirmativas (KISS, 1982; DUFFIELD, 1993).

A partir de uma sucess3o de pareceres de tr3s especialistas na 3rea, num total de quatro fases, obteve-se consenso no tocante 3s quest3es investigativas sobre a percep3o do risco por praticantes de v3o livre.

O instrumento de coleta de dados foi um question3rio contendo 15 itens baseados em literatura especializada, cujas vari3veis foram consideradas a partir de uma escala bipolar do tipo Likert, variando de 1 a 7 (com ponto m3dio igual a 4). Dessa

forma, para cada item avaliado tinha-se nas extremidades desde *extremamente prov3vel* a *extremamente improv3vel* para um determinado comportamento, como se pode verificar nas (TAB. 2, 3 e 4).

O grupo amostral foi composto por 109 praticantes das modalidades parapente e asa delta na cidade de Governador Valadares, MG. Os crit3rios de inclus3o foram indiv3duos maiores de 18 anos do g3nero masculino, que saltavam do pico do Ibituruna, e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); os de exclus3o foram a recusa da assinatura do TCLE, a idade inferior a 18 anos e o n3o interesse em participar da investiga3o. O estudo recebeu aprova3o do Comit3 de 3tica da Faculdade de Minas, Muria3, MG (Processo n.002/2009, de 25 de setembro de 2009).

Na an3lise dos dados, foi utilizada a estat3stica descritiva.

RESULTADOS E DISCUSS3O

Na TAB. 2, s3o apresentados os itens referentes 3 percep3o do praticante quanto 3 import3ncia do dom3nio da t3cnica de voo, bem como da qualidade, manuten3o e estado dos equipamentos empregados para a pr3tica das modalidades parapente e asa delta. De maneira geral, n3o foram verificadas diferen3as significativas entre os itens analisados. Os praticantes, em sua maioria, percebem o dom3nio da t3cnica de v3o, a manuten3o e a qualidade dos equipamentos na faixa de *extremamente e bastante prov3veis* para minimizarem os riscos de acidentes.

Tabela 2
Condução do praticante quanto a equipamentos e técnica no vôo livre

CLASSE	ITENS INVESTIGADOS - F (%)			
	Domínio da técnica do vôo	Bom estado dos equipamentos	Certificação do nível de segurança do equipamento	Checagem prévia dos equipamentos
Extremamente (+)	88,07%	66,05%	54,13%	75,23%
Bastante (+)	11,93%	29,36%	34,86%	24,77%
Um pouco (+)	--	4,59%	11,01%	--
Nem um, nem outro (+/-)	--	--	--	--
Um pouco (-)	--	--	--	--
Bastante (-)	--	--	--	--
Extremamente (-)	--	--	--	--
TOTAL	100%	100%	100%	100%

Entre os procedimentos e medidas para prever, minimizar e controlar os riscos na prática das modalidades de parapente e asa delta, houve consenso na percepção dos praticantes no tocante à sua importância. Le Breton (2000), ao discutir a pedagogia do risco, afirma que as experiências adquiridas e a integração gradual das técnicas minimizam as ameaças ou as circunscrevem em pontos onde se exerce vigilância. A menor desatenção pode causar sérios problemas. Há de se considerar ainda que as referidas modalidades, estimuladas pelo desenvolvimento da pesquisa científica, tanto na melhoria da *performance* técnica como na produção de material, possibilitam cada vez mais ao praticante vivenciar as fortes emoções dentro de uma margem de controle do risco em que se coloca a cada vez que se atira num salto.

No que se refere aos procedimentos a serem considerados nos momentos que antecedem a prática do vôo livre, os resultados apresentados na TAB. 3 mostram significativa variabilidade entre as percepções dos praticantes quanto à relevância dos itens 'consideração prévia das condições meteorológicas' e 'conhecimento prévio do ambiente natural de prática' no sentido de diminuir e/ou prever os riscos.

TABELA 3.
Conduita dos praticantes quanto aos procedimentos no voo livre

CLASSE	ITENS INVESTIGADOS - F (%)	
	Consideração prévia da meteorologia	Conhecimento prévio do ambiente natural de prática
Extremamente (+)	33,02%	18,35%
Bastante (+)	26,60%	25,69%
Um pouco (+)	22,02%	29,36%
Nem um nem outro (+/-)	12,85%	16,51%
Um pouco (-)	5,51%	10,09%
Bastante (-)	--	--
Extremamente (-)	--	--
TOTAL	100%	100%

Uma situação que chama a atenção é o fato de os mesmos sujeitos, em sua totalidade, perceberem a relevância do domínio da técnica e da qualidade dos equipamentos de prática e de, no entanto, persistir acentuada variabilidade de percepção da importância da adoção de procedimentos prévios à prática, como aqueles relacionados à previsão meteorológica, como mudanças repentinas nas massas de ar, tempestades e outras intempéries. O conhecimento prévio do ambiente natural de prática – como as características dos relevos, os possíveis locais de pouso e a potência das térmicas – é um dos aspectos relacionados ao risco de voar e, por sua vez, poderá contribuir para minimizá-lo. A análise dos resultados permite afirmar que existe uma forma de auto-suficiência a partir da qualidade dos materiais e do domínio da técnica pelos praticantes de vôo livre. Visto dessa forma, o ambiente natural apresenta-se tão somente como um cenário para as práticas aventureiras. Contudo, a natureza é dinâmica e proporciona cada vez mais seu poder de reação e mudanças, ora de forma imperceptível, ora de forma surpreendente.

Embora o esporte tenha uma tendência a domesticar o ambiente, formalizá-lo, impor-lhe regras, é no meio natural – ênfase, neste estudo, no ambiente aéreo, onde é quase impossível controlar as informações que podem orientar as decisões dos

praticantes – que afirma a necessidade de aprender a ler os obst3culos, decifrar as artimanhas da velocidade e dire33o do vento e da temperatura, para decidir a melhor interven33o. 3 essa incerteza informacional que provoca e comp3e o desafio dessa pr3tica corporal na natureza. Lidar com ela 3 que desenvolve a ousadia desses aventureiros e lhes desencadeia o prazer na atividade.

A incerteza, elemento presente nos esportes de risco, para Bernstein (1997), 3 encontrada tamb3m nos processos de tomadas de decis3o, uma vez que o risco est3 em suas consequ3ncias e o elemento surpresa, aleat3rio, 3 comum num sistema que depende de previsibilidade e probabilidade. Isso mostra que, a despeito de toda a racionaliza33o que se empregue para a maximiza33o da utilidade dos resultados, a incerteza destes estar3 sempre presente – e os riscos tamb3m. Assim, o piloto prudente precisa considerar o ambiente natural, suas varia33es e implica33es na pr3tica de uma dada modalidade de esporte de aventura.

Na TAB. 4, s3o apresentados os resultados referentes 3 conduta dos praticantes quanto 3 integridade f3sica no v3o livre. Entre os itens analisados, nota-se que os praticantes, em sua totalidade, percebem que as modalidades do voo livre se caracterizam como atividades de risco e que sensa33es experimentadas no momento da pr3tica compensam o risco que correm. No que se refere 3 rela33o entre os itens recomenda33es de seguran3a e minimiza33o do risco para si pr3prio, os praticantes mostraram-se dentro da faixa positiva de comportamento no sentido de minimizar riscos. No entanto, quando se buscou analisar essa mesma considera33o para o risco que poderia envolver outras pessoas, os resultados apresentaram significativa variabilidade entre as condutas dos praticantes.

TABELA 4.
Conduta dos praticantes quanto à integridade física no voo livre

CLASSE	ITENS INVESTIGADOS - F (%)			
	O voo livre é uma atividade de risco	Coloco-me em risco quando não sigo recomendações de segurança	Coloco a vida de pessoas em risco quando não sigo recomendações de segurança	A sensação de liberdade e fortes emoções compensam o risco
Extremamente (+)	42,20%	32,11%	16,51%	38,53%
Bastante (+)	57,80%	44,03%	21,10%	61,47%
Um pouco (+)	--	23,86%	29,36%	--
Nem um nem outro (+/-)	--	--	11,01%	--
Um pouco (-)	--	--	22,02%	--
Bastante (-)	--	--	--	--
Extremamente (-)	--	--	--	--
TOTAL	100%	100%	100%	100%

A partir da consideração dos praticantes de que o voo livre é uma prática corporal de risco, é possível afirmar que o risco deliberadamente escolhido para ser vivenciado em modalidades como parapente e asa delta é mais aceitável que o imposto pelas circunstâncias que possam surgir na vida cotidiana. Ainda que a sensação de liberdade e as fortes emoções compensem o risco com que irão se deparar no momento da prática, estes aventureiros não podem ser interpretados como suicidas, e sim como pessoas que gostam de vivenciar situações de risco que lhes causem prazer. Eles se lançam em situações que lhes permitem calcular os riscos e lhes dão condições de controlar o imponderável naquele momento. Le Breton (2000) fala da atitude contrafóbica, em que um indivíduo, em vez de evitar ou fugir de situações de risco, lança-se em sua direção. Trata-se de uma maneira refinada de esses indivíduos enfrentarem o medo, dissipando-o e sentindo a provisória sensação agradável de tê-lo dominado.

Em se tratando das recomendações de segurança comuns às modalidades de parapente e asa delta para evitar situações de risco, verificou-se ainda uma postura egocêntrica, pois consideram o risco com eles próprios e não o risco em que podem colocar as outras pessoas quando as recomendações são ignoradas. Contradizendo tal expectativa verificada nos resultados deste estudo, retoma-se Le Breton (2000), quando

afirma que o risco aparece nas sociedades como um dado antropol3gico e incita o homem 3 preocupaç3o e responsabilidade para com os outros e consigo mesmo no que se refere 3 manutenç3o da integridade f3sica. Parece ainda faltar entre n3s, em toda nossa humanidade, a consci3ncia de senso coletivo.

CONCLUS3O

3 fato que as atividades de esporte de aventura e risco calculado v3m despertando a atenç3o das pessoas, aumentando-lhes a popularidade em todo o mundo como forma de lazer nos diferentes meios naturais. Termos como adrenalina, superaç3o e vertigem passaram a fazer parte da linguagem do cotidiano, trazendo 3 mente as sensaç3es fortes, as imagens de risco e emoç3es vividas nessas atividades.

Sendo o risco um elemento inerente 3 pr3tica de v3o livre, nas modalidades de parapente e asa delta, para a viv3ncia de sensaç3es e superaç3o dos limites humanos e da natureza, os praticantes demonstraram compreender que a integridade f3sica dos mesmos est3 atrelada ao dom3nio da t3cnica, ao manuseio dos equipamentos espec3ficos dessas modalidades.

O risco vivenciado no momento da pr3tica do v3o livre 3 escolhido como valor. Trata-se da forma mais genu3na do risco-aventura provido do sentido l3dico, uma vez que a atitude dos sujeitos que vivenciam o risco-aventura no momento do v3o 3 tomada como um risco no qual ousam se jogar com a confianç3a do dom3nio da t3cnica e da qualidade dos equipamentos – fruto dos avanços ininterruptos da tecnologia. Manifestam ainda uma atitude audaciosa para poderem desencadear esse risco, autorizada pela ideia confiante de serem capazes de se lanç3ar no espaço contra os

obst3culos da natureza e associada a um excitante e reconfortante prazer de realizar com sucesso o programa de v3o estabelecido.

Para al3m do dom3nio da t3cnica e da qualidade dos equipamentos, espera-se que esses aventureiros do ar adquiram uma postura prudente estando atentos para calcular os riscos, sem expor perigosamente sua vida ou a de outros. Para vivenciar de forma plena as sensa33es proporcionadas pelas modalidades enfatizadas neste estudo, 3 importante ter consci3ncia que o perigo 3 permanente e que, em alguma hora, a t3cnica, a qualidade dos equipamentos e a ousadia n3o s3o suficientes para impedir um imprevisto. 3 preciso at3n3o, prud3ncia e respeito aos ind3cios da natureza.

Portanto, 3 desej3vel e aconselh3vel que as entidades, confedera33es e federa33es sistematizem e padronizem as normas de forma33o e atua33o do instrutor de esporte de aventura. 3 necess3rio tamb3m que nos cursos t3cnicos sejam privilegiados temas como preserva33o do meio natural e responsabilidade social. Indubitavelmente, tais esfor3os podem complementar a conduta dos praticantes, maximizando fortes sensa33es advindas pela aventura e a ousadia de voar, ao mesmo tempo em que controlando e/ou minimizando o risco para si e para outras pessoas.

REFER3NCIAS

ABDALAD, L. S. **A participa33o feminina nos esportes de aventura e risco: um v3o no universo do desafio e da incerteza.** Disserta33o (Mestrado) n3o publicada, Programa de P3s Gradua33o em Educa33o F3sica, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, Brasil, 2001.

ASHCROFT, F. M. **Life at the extremes: the science of survival.** London: Harper Collins, 2001.

AZEVEDO, S. L. G. **Sentidos do risco-aventura socializados nos discursos dos praticantes de v3o livre.** Disserta33o (Mestrado em Educa33o F3sica e Cultura) - Programa de P3s-gradua33o em Educa33o F3sica, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2009.

BECK, U. **Risk society: Towards a new modernity.** London: Sage, 1993.

BENTLEY, T. A., WILKS, J.; EDWARDS, J. Injuries to New Zealanders participating in adventure tourism and adventure sports: an analysis of accident compensation corporation claims. **New Zealand Medical Journal**, v.19, p. 28-47, 2006.

BERNSTEIN, P. L. **Desafio dos deuses: a fascinante história do risco**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BETRÁN, A. O.; BETRÁN, J. O. Propuesta de un clasificación taxonômica de las actividades físicas de aventura em la natureza. Marco conceptual y análisis de los critérios elegidos. Dossier Las Actividades Físicas de Aventura en la Naturaza: análisis sociocultural. **Apunts: Educación Física y Deportes**. v.41, p.108-123, 1995.

DUFFIELD, C. The Delphi Technique: a comparison of results obtained using two expert panels. **Luft. J. Nursing Study**, v.30, p.277-37, 1993.

DRAKE, J. E.; MILLER, F. J. **Marketing research: intelligence and management**. Stranton: International Textbooks, 1969.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

KISS, M. A. P. D. **Avaliação sistêmica de formação de recursos humanos para pesquisa em Educação Física e Desporto**. Tese de Livre Docência não publicada, Programa de Pós-graduação em Educação Física. Universidade de São Paulo, 1982.

LE BRETON, D. **Passions du risque**. Paris: Métailié, 2000.

_____. **Conduites à risque**. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

_____. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

MALHOTRA N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. Porto Alegre: Bookman, 2000.

MATTOS, M. G.; ROSSETO, A. J. JR.; BLECHER, S. **Teoria e prática da metodologia da pesquisa em educação física: construindo sua monografia, artigo científico e projeto de ação**. São Paulo: Phorte, 2004.

MORGAN, D.; FLUKER, M. Risk management for Australian commercial adventure tourism operation. **Journal of Hospitality and Tourism Management**, v.29, n.5, p.153-168, 2006.

PAGE, S. J.; BENTLEY, T. A.; WALKER, L. Scoping the nature and extent of adventure tourism operations in Scotland: How safe are they?'. **Tourism Management**, v.26, n.3, p.381-397, 2003.

POUZADOUX, C. **Contos e lendas da mitologia grega**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RYAN, C. Risk acceptance in adventure tourism - Paradox and context. **Managing tourist health and safety in the new millennium**, v.26, n.3, p. 473-474, 2003.

SPINK, M. J. Tr3picos do discurso sobre risco: risco-aventura como met3fora na modernidade tardia. **Caderno de Sa3de P3blica**, v.17, n.1, p. 277-311, 2001.

_____.; MEDRADO, B.; MELLO, R. P. Perigo, probabilidade e oportunidade: a linguagem dos riscos na m3dia. **Psicologia, Reflex3o e Cr3tica**, v.15, n.1, p. 151-164, 2002.

_____.; MENEGON, V. M. **Pr3ticas discursivas como estrat3gias de governamentalidade**: a linguagem dos riscos em documentos de dom3nio p3blico. Petr3polis: Vozes, 2004.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **M3todos de pesquisa em atividade f3sica**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Endere3o do Autor:

Jairo Ant3nio da Paix3o
Universidade de Tr3s-os-Montes e Alto Douro
Apartado 1013. Vila Real, Portugal CEP 5001-801
Endere3o Eletr3nico: jairopaixao2004@yahoo.com.br